

5. Resultados e Discussão

5.1. Repertório botânico

Para o inventário de espécies úteis usadas pelos moradores de Vargem Grande, determinou-se como área de estudo, o quintal familiar e/ou o sítio. Quintais tropicais têm sido muitas vezes olhados como sistemas sustentáveis (Kehlenbeck & Maass, 2004). Para esses autores são considerados um sistema de produção ideal para a conservação de recursos, variando de acordo com a diversidade ecológica ou fatores sócio-econômicos e/ou características dos seus donos ou arrendatários.

Embora um típico quintal possa apresentar claramente uma área demarcada (cercado ou delimitada por barreiras naturais) é difícil, frequentemente, distinguir onde começa e terminam as áreas de cultivo (Kumar & Nair, 2004). Em Vargem Grande, por exemplo, o quintal foi compreendido como a área adjacente à casa, independentemente de limites físicos específicos como por exemplo, uma cerca. Ou seja, aceitou-se como sendo quintal o próprio recorte espacial feito pelos moradores e que constitui o seu o território de uso imediato. Em alguns casos arbitrou-se como limite o início da formação florestal, aqui considerada como mata. Os locais (as roças) onde são cultivados alimentos, em larga escala, tais como banana, inhame, aipim, batata, etc... são chamados, pelos informantes, de sítios. Estes se localizam, muitas vezes, em altitudes mais elevadas, não necessariamente próximos ou contíguos à moradia de seus donos e adjacentes aos quintais. O limite entre esses ambientes é, muitas vezes, tênue, fundamentado-se basicamente pelo tipo de espécie presente e na intensidade de cultivo destas.

De forma geral, os quintais contêm grande biodiversidade apresentando espécies de diferentes categorias de uso que satisfazem as necessidades básicas das pessoas. São sistemas muito diversos e dinâmicos, que podem conter variedades silvestres ou localmente adaptadas cujas maiores funções seriam a produção de subsistência e de geração de renda (Blanckaert *et al.*, 2004, Coomes & Ban, 2004, Kehlenbeck & Maass, 2004). Revelam muito da história cultural dos lugares e das decisões de manejo de espécies pelos proprietários (ou arrendatários) (Winklerprins, 2002). Assim, o entendimento desses sistemas pode contribuir para projetos relacionados ao desenvolvimento de áreas rurais, à

conservação de espécies bem como à proteção do conhecimento tradicional. Ou seja, estes quintais podem vir a representar, como será visto adiante, um importante papel para o resgate, valorização do patrimônio cultural e natural da região, indo ao encontro às premissas e objetivos do Profito.

O número de espécies indicadas pelos informantes nas entrevistas (221), é equivalente ou superior aos resultados de outras pesquisas em etnobotânica desenvolvidas em situação similar àquela encontrada no bairro de Vargem Grande, RJ (Christo *et al.*, 2006; Hanazaki *et al.*, 2006; Pinto *et al.* 2006; Patzlaff 2007; Silva 2008). Outros trabalhos desenvolvidos em quintais e/ou áreas de cultivo, no Brasil e em outros países, estão citados na tabela 1 abaixo.

Ao nos remetermos à localização geográfica deste grupo, região metropolitana da cidade do Rio de Janeiro e uma área em crescente valorização imobiliária, este expressivo número de espécies deve ser encarado como um indicativo de resistência cultural. Estamos lidando com a sobrevivência de traços culturais em um grupo que sofre constantes estímulos para sua perda.

Tabela 1 - Pesquisas etnobotânicas realizadas em comunidades rurais e/ou urbanas limítrofes ou no interior de Unidades de Conservação. Riqueza de espécies (R); número de famílias botânicas (NF) e número de informantes (NI). O asterisco se refere a artigos que tratam somente de plantas medicinais.

Local/ Estado/País (tipo de vegetação)	Local das entrevistas	R	NF	NI	Autores (data)
Rio de Janeiro (RJ) (Mata Atlântica)	roça / quintal/ mata	221	71	17	<i>Presente trabalho (2010)</i>
Poço das Antas (RJ) (Mata Atlântica)	quintal/ mata	210	74	19	Christo <i>et al</i> (2006)
Pedra de Guaratiba (RJ) (Mata Atlântica)	quintal	114	42	10	Patzlaff (2007)*
Mogi-Mirim (SP) (cerrado)	quintal	107	40	50	Pilla <i>et al.</i> (2006)*
Carlos Botelho (SP) (Mata Atlântica)	roça/ quintal/ mata/ capoeira	223	—	58	Hanazaki <i>et al.</i> (2006)*
Itacaré (BA) (Mata Atlântica)	roça/ sítio	98	40	26	Pinto <i>et al.</i> (2006)*
Ouro Verde (GO) (Cerrado/ floresta)	quintal/ áreas antrópicas /mata	98	45	84	Silva & Proença (2008)*
Santo Antônio Leverger	roça / quintal/ mata	228	73	48	Amorozo (2002)

Local/ Estado/ País (tipo de vegetação)	Local das entrevistas	R	NF	NI	Autores (data)
(MT) (cerrado)					
Santarém (PA) (planície aluvial)	quintal	98	—	41	Winklerprins (2002)
Caruaru (PE) (Caatinga)	quintal	84	35	25	Florentino <i>et al.</i> (2007)
Recife (PE) (Mata Atlântica)	roça / quintal	334	90	38	Silva & Andrade (2005)
Recife (PE) (Mata Atlântica)	quintal/ áreas antrópicas	125	61	6	Gazzaneo <i>et al.</i> (2005)
Valley Tehuacán (México)	quintal	233	—	30	Blanckaert <i>et al.</i> (2004)
Nuevo Triunfo (Peru) (Amazônia)	roça/ quintal	76	—	96	Coomes & Ban (2004)

As espécies encontram-se distribuídas em 172 gêneros e 71 famílias botânicas, sendo uma não identificada (Tabela 2). Destas, as que mais se destacaram em número de espécies foram Lamiaceae (21); Asteraceae (19) seguidas de Rutaceae e Fabaceae (10); Euphorbiaceae e Myrtaceae (9) e Malvaceae (7). Estas sete famílias somam 85 espécies, significando 38,1% do total inventariado (Figura 8).

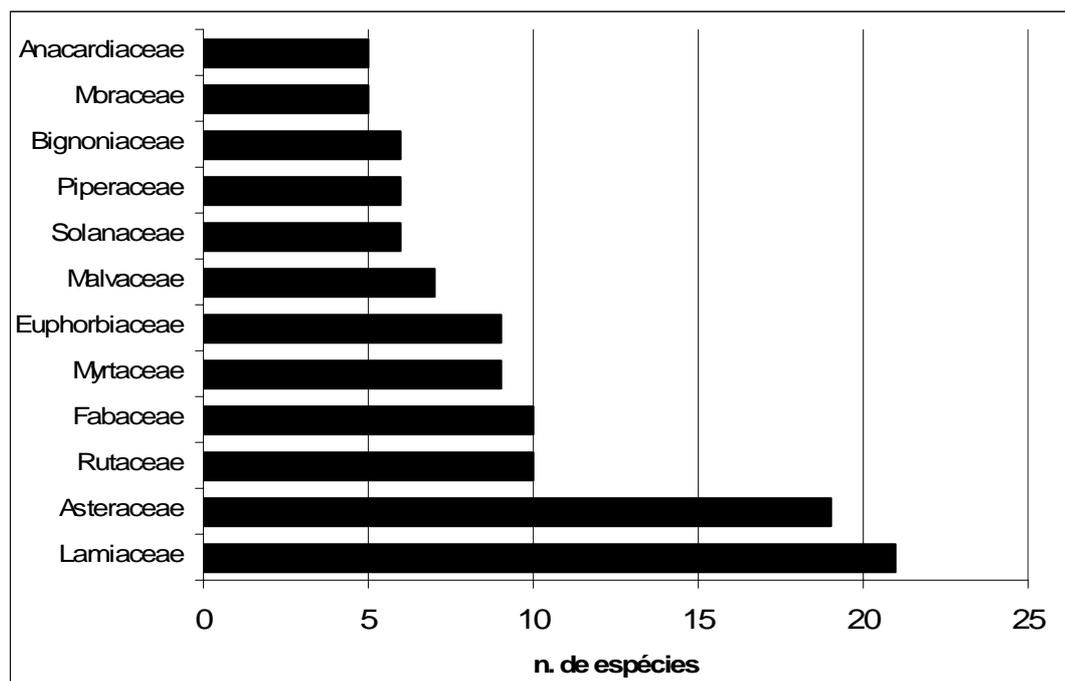


Figura 8 - Famílias botânicas mais representativas em número de espécies indicadas como úteis pelos informantes do bairro de Vargem Grande, RJ.

As famílias Lamiaceae e Asteraceae têm um número grande de espécies e são encontradas tanto em regiões temperadas como nas tropicais e, além disso, são ricas em óleos voláteis e muito utilizadas na medicina popular (ou como condimentares) ao redor do mundo (Menezes & Kaplan 1992; Bennett & Prance 2000). As Rutaceae, Fabaceae e Myrtaceae sobressaem-se pelo número de alimentares cultivadas, principalmente frutíferas; Euphorbiaceae e Malvaceae são ricas em espécies e diversidade de usos.

Tabela 2 - Relação das espécies registradas nas entrevistas realizadas no bairro de Vargem Grande, RJ nos anos 2008/2009. As espécies estão organizadas em ordem alfabética das famílias e seguidas dos nomes populares, categorias de uso, procedência e formas de manejo.

Categorias de uso (al. = alimentar; cond. = condimentar; const. = construção; cos = cosmética; med. = medicinal; orn. = ornamental; rit. = ritual, uan = uso animal). **Formas de manejo:** c/e = cultivada/ espontânea.

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
ACANTHACEAE				
<i>Pachystachys lutea</i> Ness	camarão	orn	sítio	c
ADOXACEAE				
<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	med	quintal/sítio	c
AGAVACEAE				
<i>Agave americana</i> L.	pita	orn	sítio	c
<i>Cordilyne terminalis</i> Kunth.	dracena	orn	sítio	c
<i>Furcraea gigantea</i> Vent.	pita	orn/uan	quintal	c
ALISMATACEAE				
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltldl.) Micheli	chapeú-de-couro	med	sítio	c
ALLIACEAE				
<i>Allium cepa</i> L.	cebola	med	comércio	
<i>Allium sativa</i> L.	alho	med	comércio	
AMARANTHACEAE				
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	dipirona, terramicina, erva botão	med	ruderal	c
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	erva-de-santa-maria	med	quintal	c
Amaranthaceae sp1	novalgina	med	quintal	c
Amaranthaceae sp2	mussambê		quintal	c
ANACARDIACEAE				
<i>Anacardium occidentale</i> L.	cajú	al	sítio	c
<i>Mangifera indica</i> L.	mangueira	al/med	quintal	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	aroeira	cond/med	quintal/sítio	c
<i>Spondias mombin</i> L.	cajá	al/med	quintal	c
<i>Spondias purpurea</i> L.	seriguela	al	quintal	c
ANNONACEAE				
<i>Annona acutiflora</i> Mart.	guiné	rit	quintal abandonado	c/e
<i>Annona muricata</i> L.	graviola	al/med	quintal/sítio	c
APIACEAE				
<i>Eryngium foetidum</i> L.	coentro	al/cond	ruderal	e
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	erva-doce	med	quintal	c
<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nym	salsa	al/med	comércio	c
APOCYNACEAE				
<i>Nerium oleander</i> L.	beijo	med/orn	quintal/sítio	c
<i>Plumeria rubra</i> L.	jasmim-manga	orn	quintal	c
ARACEAE				
<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott	inhame	al/med	quintal/sítio	c
<i>Dieffenbachia picta</i> Schott	comigo-ninguém- pode	orn/rit	sítio	c
<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott	taioaba	al/med	quintal/sítio	c
ARALIACEAE				
<i>Schefflera arboricola</i> (Hay.) Merr.	sheflera	orn	quintal	c
ARAUCARIACEAE				
<i>Araucaria angustifolia</i> (Bert.) Kuntze	araucária	orn	sítio	c
ARECACEAE				
<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	iriri	al	sítio	c
<i>Cocos nucifera</i> L.	côco	al/med	sítio	c
<i>Dypsis decary</i> (Jum.) Beentje & J. Dransf.	palmeira -triangular	orn	sítio	c
<i>Dypsis lutescens</i> (Wendl.) Beentje & Dransf.	areca	orn	sítio	c
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	açaí	al	sítio	c
ARISTOLOCHIACEAE				
<i>Aristolochia</i> sp.1	cipó-mil-homem	méd/rit	quintal	c
ASPHODELACEAE				
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	babosa	cos/med	sítio	c
ASTERACEAE				
<i>Achillea millefolium</i> L.	macelinha	med	quintal	c
<i>Acmella uliginosa</i> (Sw.) Cass	jambu	med	quintal	c/e
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	erva-de-são-joão	med	ruderal	e
<i>Artemisia vulgaris</i> L.	erva-de-são-joão; pronto-álvio	med	quintal/sítio	c
<i>Artemisia</i> sp.1	losna	med	quintal	c
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	carqueja	med	quintal	c
<i>Bidens pilosa</i> L.	picão	med	quintal	c/e
<i>Chromolaena maximillianii</i> (Schrad ex DC.) R.M. King & Rob.	arnica-do-mato,	med	ruderal	e
<i>Cichorium intybus</i> L.	almeirão	al/mes	comércio	
<i>Dhalia</i> sp.	dália	orn	sítio	c
<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	erva-grossa	med	ruderal	e
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC	serralha	med/uan	ruderal	e
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile)	boldo	med	quintal	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
Sch.Bip. ex Walp.				
<i>Melampodium divaricatum</i> (Rich.) DC	colodema	orn	quintal	c
<i>Mikania</i> sp.1	guaco	med	quintal	c
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	arnica	med	quintal	c
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	serralha	med	quintal	e
<i>Vernonia</i> sp. 1	assapeixe	med	quintal/mata	c/e
Asteraceae Indet.1	camomila	med	quintal	c
BALSAMINACEAE				
<i>Impatiens balsamina</i> L.	beijo	orn	quintal	c
BEGONIACEAE				
<i>Begonia cocinea</i> Hook	begonia	orn	quintal	c
<i>Begonia</i> sp.	begonia	orn	quintal	c
BIGNONIACEAE				
<i>Crescentia cujete</i> L.	purunga	al/ritual	quintal	c
<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	pau-pereira	med	mata	e
<i>Jacaranda</i> sp.	carobinha	med	quintal/ mata/sítio	c/e
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K.	cinco-chagas	med	mata	e
Schum.				
<i>Tabebuia</i> sp.1	ipê-amarelo		mata	e
<i>Tabebuia</i> sp.2	ipê-roxo	med	mata	e
BIXACEAE				
<i>Bixa orellana</i> L.	urucum	al/cond/med/ orn	quintal/sítio	c
BORAGINACEAE				
<i>Symphytum officinale</i> L.	confrei	med	quintal	c
BRASSICACEAE				
<i>Brassica oleracea</i> L.	couve	al	sítio	c
<i>Rorippa nasturtium-aquaticum</i> (L.)	agrião	med	comércio	c
Hayek				
CACTACEAE				
<i>Cereus</i> sp.	cacto gigante	orn	quintal	c
<i>Pereskia grandiflora</i> Peiff.	ora-pro-nobis	al	quintal abandonado	c
CARICACEAE				
<i>Carica papaya</i> L.	mamão	al/med	quintal/sítio	c
CONVOLVULACEAE				
<i>Cuscuta racemosa</i> Mart.	cipó-chumbo	med	ruderal	e
<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	batata-doce	al/rit	quintal	c
CUCURBITACEAE				
<i>Cayaponia</i> sp.1	abóbora-danta	uan	mata	e
COSTACEAE				
<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	cana-do-brejo	med	quintal/sítio	c
CRASSULACEAE				
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	saião	med	quintal	c
CUCURBITACEAE				
<i>Cucumis anguria</i> L.	maxixe	al	sítio	c
<i>Cucurbita pepo</i> L.	cambuquira	med	sítio	c
<i>Momordica charantia</i> L.	melão-de-são- caetano	med	quintal/ ruderal	c/e
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) sw.	chuchú	al/med	quintal	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
CYCADACEAE				
<i>Cycas revoluta</i> Thunb.	sagú	orn	sítio	c
DIOSCORIACEAE				
<i>Dioscoria alata</i> L.	cará	al	quintal	c
<i>Dioscoria</i> sp.	caramoela	al	quintal	c
EBENACEAE				
<i>Diospyrus kaki</i> L.	caqui	al	sítio	c
EQUISETACEAE				
<i>Equisetum</i> sp.	cavalinha	med	quintal	c
EUPHORBIACEAE				
<i>Acalypha hispida</i> Willd.	rabo-de-macaco	orn	quintal	c
<i>Chamaesyce prostrata</i> (Aiton) Small	quebra-pedra	med	quintal	e
<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) A. Juss.	cróton	orn	sítio	c
<i>Jatropha curcas</i> L.	pinhão-roxo	orn	sítio	c
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	pinhão-roxo	med	sítio	c
<i>Joannesia princeps</i> Vell.	andaassu	med	mata	e
<i>Manihot esculenta</i> Crantz	mandioca	al	quintal/sítio	c
<i>Phyllanthus acidus</i> (L.) Skeels	groselha	al	quintal	c
<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	quebra-pedra	med	quintal	c
FABACEAE				
<i>Bauhinia forficata</i> Link	pata-de-vaca	med	quintal/mata	c/e
<i>Bauhinia microstachya</i> (Raddi) J.F. Macbr.	escada-de-onça	med	mata	e
<i>Bauhinia</i> sp.1	pata-de-vaca	med	mata	e
<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	pau-ferro	orn	sítio	c
<i>Desmodium adscendens</i> (Sw.) DC.	amor-do-campo	med	quintal	e
<i>Dioclea violaceae</i> Mart. ex Benth.	olho-de-boi	rit	sítio	c
<i>Mimosa pudica</i> L.	dormideira	med	ruderal	e
<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	feijão	al	sítio	c
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	fedegoso	med	sítio	c
Fabaceae Indet. 1	bangalô	med	quintal	c
IRIDACEAE				
<i>Gladiolus</i> sp.	palma-de-santa-rita	orn	quintal	c
LAMIACEAE				
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	cordão-de-frade	med	quintal	c/e
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	macaé	med	quintal	c/e
<i>Mentha x piperita</i> L. var. <i>citrata</i> (Ehrh.) Briq.	elevante	rit	quintal	c
<i>Mentha pulegium</i> L.	poejo	med	quintal	c
<i>Mentha spicata</i> L.	hortelã	med	quintal	c
<i>Mentha</i> cf. <i>suaveolens</i> Ehrh.	mentha	cond	quintal	c
<i>Ocimum americanum</i> L.	manjeriço	cond/med	quintal	c
<i>Ocimum</i> cf. <i>americanum</i> L.	manjeriço	cond/med	quintal	c
<i>Ocimum campechianum</i> Mill.	alfavaquinha, alfavaca- miúda	cond/med	quintal	c
<i>Ocimum gratissimum</i> L.	alfavacão	med	quintal	c
<i>Ocimum selloi</i> Benth.	anis	al/med	quintal	c
<i>Ocimum</i> sp.	alfavacão	med	quintal	c
<i>Origanum vulgare</i> L.	manjerona	cond	comércio	
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-pimenta	al/cond/med	quintal	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	boldo	med	sítio	c
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	alecrim	cond/med	quintal	c
<i>Salvia officinalis</i> L.	salvia	cond	quintal	c
<i>Solenostemum scutellarioides</i> (L.) Lodd.	tapete	orn	sítio	c
<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd.	mirra	med/rit	quintal	c
Lamiaceae Indet. 1	melissa-cidreira	med	quintal	c
Lamiaceae Indet. 2	alfavaca-miuda	al/med	quintal	c
LAURACEAE				
<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	canela	med	quintal/sítio	c
<i>Laurus nobilis</i> L.	louro	cond/med/rit	quintal/sítio	c
<i>Ocotea</i> sp.	canela		mata	e
<i>Persea americana</i> Mill.	abacate	al/med	quintal/sítio	c
LORANTHACEAE				
<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	erva-de-passarinho	med	quintal	e
LYGODIACEAE				
<i>Lygodium volubile</i> Sw.	abre-caminho	rit	mata	e
LYTHRACEAE				
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	sete-sangrias	med	ruderal	e
MALPIGHIACEAE				
<i>Bunchosia armeniaca</i> (Cav.) DC	ameixa-vermelha	al	quintal	c
<i>Malpighia emarginata</i> Sessé & Moc.	acerola	al/med	quintal/sítio	c
MALVACEAE				
<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	quiabo	al	sítio	c
<i>Bombacopsis glabra</i> (Pasq.) A. Rob.	castanheira	al/const/uan	mata/sítio	c/e
<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravena	paineira	med	mata	e
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	algodão	med	sítio	c
<i>Sida carpinifolia</i> L.f.	vassourinha	med/rit	quintal	c
<i>Sida rhombifolia</i> L.	vassourinha	med/rit	quintal	c
<i>Theobroma cacao</i> L.	cacao	al	sítio	c
MARANTHACEAE				
<i>Maranta arundinaceae</i> L.	araruta	al	quintal	c
MELIACEAE				
<i>Guarea guidonea</i> (L.) Sleumer	carrapeta	const	mata	e
MORACEAE				
<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	fruta-pão	al	sítio	c
<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	jaca	al	quintal/sítio	c
<i>Ficus carica</i> L.	figo	al	comércio	
<i>Morus nigra</i> L.	amora	al/med	quintal	c
<i>Sorocea</i> cf. <i>bonplandii</i> (Baill.) Burger, Lanjou & W. Boer	espinheira-santa	med	quintal/mata	c/e
MUSACEAE				
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	bananeira	al/med	sítio	c
MYRTACEAE				
<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	grumixama	al	quintal/sítio	c
<i>Eugenia uniflora</i>	pitanga	al/med	quintal/sítio	c
<i>Myrciaria cauliflora</i> (DC.) O. Berg.	jaboticaba	al	quintal/sítio	c
<i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G. Barroso & Sobral	cabeluda, cabeludinha	al	quintal/sítio	c
<i>Plinia edulis</i> (O. Berg.) Nied	cambucá	al/med	quintal/mata/sítio	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
<i>Psidium cf. cattleianum</i> Sabine	araça	al	sítio	c
<i>Psidium guajava</i> L.	goiaba	al/med	quintal	c
<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	cravo-da-índia	med	comércio	c
<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	jambo	al/med	quintal/sítio	c
OXALIDACEAE				
<i>Averrhoa carambola</i> L.	carambola	al/med	quintal	c
PASSIFLORACEAE				
<i>Passiflora alata</i> Dryand	maracujá-doce	al	mata	e
<i>Passiflora</i> sp.	maracujá	al/med	quintal	c
PHYTOLACCACEAE				
<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	pau-d'alho	med	quintal	c
<i>Petiveria alliacea</i> L.	guiné pi-piu	rit	ruderal	e
PIPERACEAE				
<i>Peperomia pellucida</i> (L.) HBK	erva-de-jabuti	al/rit	quintal	c
<i>Piper mollicomum</i> Kunth	aperta- ruão	med	quintal	c/e
<i>Piper nigrum</i> L.	pimenta-do-reino	cond	sítio	c
<i>Piper</i> sp. 1	jaborandi	med	ruderal	c/e
<i>Piper</i> sp. 2	vence-demanda	rit	ruderal	e
<i>Pothomprphe umbellata</i> (L.) Miq.	padiparoba	med	quintal	c
PLANTAGINACEAE				
<i>Plantago australis</i> Lam	transagem	med	quintal/ ruderal	c/e
<i>Plantago major</i> L.	transagem	med	quintal/ ruderal	c/e
POACEAE				
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	capim- cidreira;capim- limão	med	quintal	c
<i>Cynodon dactylon</i> (L.) Pers.	pé-de-galinha	med	quintal	e
<i>Saccharum officinarum</i> L.	cana-de-açúcar	al	quintal/sítio	c
<i>Zea mays</i> L.	milho	al	quintal/sítio	c
POLYPODIACEAE				
<i>Platyserium bifurcatum</i> (Cav.) Chr.	chifre-de-veado	orn	quintal	c
PTERIDACEAE				
<i>Adiantum raddianum</i> C. Presl	avenca	orn	quintal	c
PUNICACEAE				
<i>Punica granatum</i> L.	romã	med	quintal	c
ROSACEAE				
<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	ameixa	al	quintal	c
<i>Rosa</i> sp. 1	rosa-branca	med/orn	quintal	c
<i>Rosa</i> sp. 2	roseira	orn	quintal	c
RUBIACEAE				
<i>Coffea arabica</i> L.	café	al	quintal	c
<i>Genipa americana</i> L.	jenipapo	al	quintal	c
<i>Simira glaziovii</i> (K. Schum.) Steyerm.	quina- rosa	med	quintal/mata	c/e
RUSCACEAE				
<i>Dracaena fragans</i> Ker-Gawl.	dracena; pau- d'água	orn	sítio	c
<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Pain	espada-de-são- jorge	orn	sítio	c

família/ espécie	nome popular	uso	procedência	c/e
RUTACEAE				
<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	limão-galego	al/med	quintal/sítio	c
<i>Citrus aurantium</i> L.	laranja-da-terra	al/med	quintal/sítio	c
<i>Citrus latifolia</i> Tanaka	limão-tahiti	al	sítio	c
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	limão-verdadeiro	al	sítio	c
<i>Citrus reticulata</i> Blanco	tangerina	al/med	sítio	c
<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	laranja-bahia; laranja-lima; laranja-seleta	al	sítio	c
<i>Citrus</i> sp. 1	tanja	al	sítio	c
<i>Citrus</i> sp. 2	lima-da-pérsia	al	sítio	c
<i>Murraya exotica</i> L.	murta	med/orn	sítio	c
<i>Ruta graveolens</i> L.	arruda	rit	sítio	c
SAPINDACEAE				
<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	cabo-de- enxada;camboatá	const.	mata	e
SAPOTACEAE				
<i>Chrysophyllum oliviforme</i> subsp. <i>oliviforme</i> (Lam.) T.D.Penn	abiu-roxo	al	sítio	c
<i>Manilkara sapota</i> (L.) P. Royen	sapoti	al	quintal/sítio	c
<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pavon.) Radlk.	abiu	al/med	quintal/sítio/ mata	c
SAXIFRAGACEAE				
<i>Hydrangea macrophylla</i> Serv.	hortência	orn	quintal	c
SOLANACEAE				
<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl.) G. Don	manacá	orn	sítio	c
<i>Capsicum annuum</i> L.	pimenta-de-cheiro; dedo-de-moça	cond.	quintal	c
<i>Capsicum frutescens</i> L.	pimenta malagueta	cond.	quintal	c
<i>Solanum argenteum</i> Dun.	erva-prata	rit	sítio/ruderal	c/e
<i>Solanum paniculatum</i> L.	jurubeba	med	ruderal	e
<i>Solanum tuberosum</i> L.	batata-inglesa	al	comércio	c
URTICACEAE				
<i>Cecropia</i> sp.	embaúba-branca	med	mata	e
VERBENACEAE				
<i>Duranta repens</i> L. var. <i>aurea</i> Hort.	pingo-de-ouro	orn	quintal	c
<i>Lippia alba</i> N.E. Br.ex P. Wilson	erva-cidreira	med	quintal/sítio	c
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	gervão	med	quintal/ ruderal	c/e
VITACEAE				
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicholson & C.E.Jarvis	insulina	med	ruderal	e
<i>Vitis vinifera</i> L.	uva	al	sítio	c
ZINGIBERACEAE				
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & Smith	colônia	med/orn	sítio/quintal	c
<i>Curcuma longa</i> L.	curcuma	cond/med	quintal	c
<i>Curcuma</i> sp.	açafraão	cond	sítio	c
<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	gengibre	med	quintal	c
FAMÍLIA INDET.	insulina	med	quintal	c

Levando-se em consideração as indicações citadas pelos informantes em Vargem Grande, as categorias de uso que se sobressaíram, em número de espécies foram as medicinais (54,7%, n = 122); alimentares (31,8%, n = 71) e as ornamentais (15,2%, n = 34) em comparação com as condimentares (7,1%, n = 16), as ritualísticas (6,7%, n = 15), as de uso animal (2,2%, n = 5), as usadas para construção (1,7%, n = 4) e as usadas como cosmético (0,4%, n = 1). Das 221 espécies, duas não tiveram seus usos citados.

A maioria das plantas (166) foi citada para exclusivamente uma categoria de uso, como se segue: 80 espécies usadas somente como medicinais; 38 somente como alimentares; 30 como ornamentais; oito como rituais, sete como condimentares; duas para construção e uma para uso animal. Das espécies citadas para duas categorias (48), as medicinais/alimentares se sobressaíram com 28 espécies. As demais se dividem em outros usos. Por fim, cinco espécies têm usos relacionados a três categorias distintas. Florentino *et al.* (2007) estudando quintais agroflorestais, em Caruaru, PE, destacaram o fato de terem encontrado também poucas espécies de múltiplos usos.

As dez espécies mais citadas foram *Musa x paradisiaca* (bananeira); *Chenopodium ambrosioides* (erva de santa Maria); *Echinodorus grandiflorus* (chapéu-de couro); *Schinus terebinthifolius* (aroeira); *Citrus aurantium* (laranja-da-terra); *Psidium guajava* (goiaba); *Citrus aurantifolia* (limão-galego); *Jacaranda* sp. (carobinha); *Laurus nobilis* (louro) e *Lippia alba* (erva-cidreira). Todas são utilizadas como medicinais, sendo que a aroeira e o louro servem também como condimento e a banana, a laranja-da-terra, a goiaba e o limão-galego foram citados na alimentação.

O grande número de espécies medicinais bem como de alimentares é coerente com a realidade do grupo social estudado - inserido em ambiente florestal relativamente distante de grandes centros comerciais - realizando práticas agrícolas propriamente ditas. Para Kumar & Nair (2004), a produção de alimento (a produção de frutos, grãos, rizomas, tubérculos, folhas, etc.) é a função básica dos quintais tropicais em menor ou maior escala. A diversidade e número de espécies entre os locais estudados variaram, aparentemente, em função do tipo e tamanho destes (sítio ou quintal).

Ao se analisar a difusão de conhecimento entre gêneros (6 homens e 11 mulheres entrevistados) verificou-se que a média de citação geral para as

espécies foi praticamente a mesma para homens (28,3 citações) e mulheres (28,1) demonstrando que o conhecimento é igualmente difundido entre o grupo.

No entanto ao se comparar a média das citações de usos em geral bem como especificamente do número de espécies listadas, por categorias, as mulheres indicaram maior número de espécies e de citações de usos para as plantas medicinais. O maior número de mulheres entrevistadas, nessa pesquisa, deve-se ao fato de terem sido referenciadas como especialistas locais, provavelmente pelo fato de permanecerem mais tempo em casa cuidando dos quintais e responsáveis pela saúde familiar. Deve-se ressaltar ainda que o tempo de duração das entrevistas, com as mulheres foi maior e transcorreram, de forma geral, com mais tranquilidade (Figuras 9 e 10).

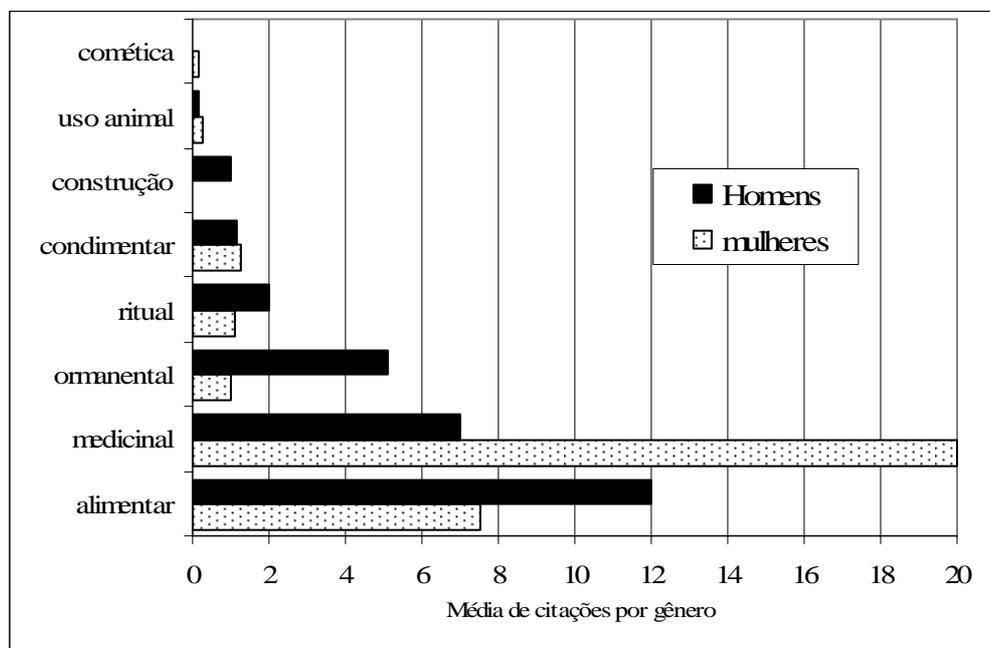


Figura 9: Número médio de citações, por categorias de uso, por homens e mulheres do bairro de Vargem Grande, RJ

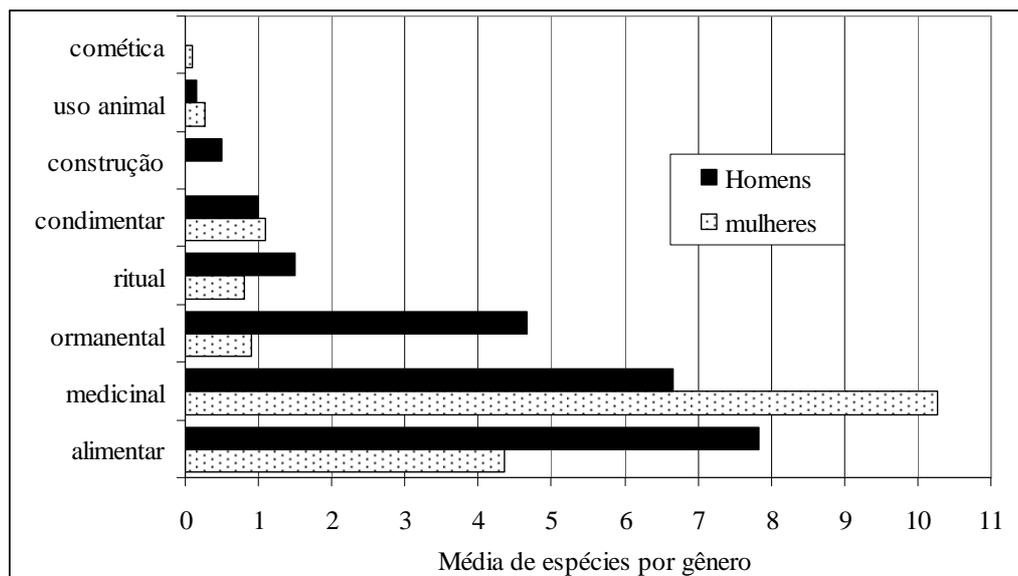


Figura 10: Número médio de espécies, por categorias de uso, citadas por homens e mulheres do bairro de Vargem Grande, RJ

Por outro lado, os homens indicaram mais espécies ornamentais. Na verdade, dois homens foram responsáveis por 83% das indicações, obviamente pelo fato de serem os donos dos maiores sítios visitados, contendo inúmeras espécies. Por fim, o elevado índice de alimentares citados pelos homens é decorrência de serem estes os responsáveis pelo cultivo destas plantas nos sítios permanecendo, geralmente, mais tempo fora de casa.

Como foi dito anteriormente, a comparação entre sítios (roças) e quintais não segue, por parte dos entrevistados, uma lógica espacialmente objetiva. Apesar de não existir limites concretos entre esses espaços, há espécies típicas de cultivos agrícolas locais como a banana (*Musa x paradisiaca*); a mandioca (*Manihot esculenta*) e o inhame-chinês (*Colocasia esculenta*), que são encontradas principalmente nos sítios, mas algumas vezes estão entremeadas com espécies ornamentais e/ou medicinais, encontradas geralmente mais próximas das residências.

Vale lembrar que essa região, desde o século XVII, atuou como fonte de abastecimento de produtos agrícolas para o centro urbano do Rio de Janeiro. De acordo com Dias da Cruz & Guimarães (1941), a produção das áreas suburbanas da cidade, que simbolizava a riqueza rural das terras, escoava até Madureira, sendo que a região de Jacarepaguá guardava, segundo esses autores, “os maiores faustos da lavoura carioca”. A ocupação do solo foi intensa ainda na década de 1950 e, segundo Abreu (1957), a horticultura, nessa época, era representada por

plantios situados em Jacarepaguá e Santa Cruz e era cuidada predominantemente por portugueses e japoneses. Estas existiam também em vários outros pontos, mas com o crescimento da cidade e a valorização dos terrenos nas áreas urbanas, as hortas se mantiveram nas áreas suburbanas e nas zonas rurais.

Winklerprins (2002 p. 43) discutiu a fronteira entre o rural e o urbano usando os quintais de Santarém (PA) para repensar a categorização difusa entre estes. A autora afirma existir uma rede de trocas entre os quintais rurais e urbanos ligando as pessoas. Esses satisfazem alguns dos requisitos necessários para a alimentação, cura, recreação ou experiências estéticas. Esta autora defende que os quintais podem ser compreendidos como uma zona de transição entre o rural e o urbano e também entre o agricultor tradicional e a forma de vida moderna proletária. Existem lugares, segunda essa autora, onde os donos de quintais podem ser as duas coisas, como essa transição, podendo persistir sobre essas circunstâncias de alterações sócioeconômicas. Assim, também em Vargem Grande, pode se pensar que os quintais, ao contrário dos sítios, podem ser interpretados como espaços representativos de áreas em processos de urbanização, onde se cultivam espécies vegetais muito difundidas, muitas delas exóticas ornamentais e/ou medicinais que aparecem listadas, frequentemente, em levantamentos etnobotânicos similares como os citados na tabela 2. Além disso, deve-se levar em consideração a facilidade de cultivo dessas espécies, geralmente feito por mulheres, se comparado ao difícil manejo e tratos no plantio de grandes culturas que é feito pelos homens, nos sítios.

Das 221 espécies levantadas, 166 são cultivadas e somente 32 ocorrem espontaneamente, sendo coletadas pelos informantes em suas áreas de ocorrência; um pequeno número (18) são espontâneas na região e também cultivadas, e cinco são exclusivamente adquiridas no comércio. Das cultivadas, grande parte (89) estava exclusivamente nos quintais, 53 nos sítios e uma menor proporção de espécies (31) estavam cultivadas, concomitantemente, nos dois ambientes. As demais foram encontradas ocorrendo também em beiras de caminho, como ruderais, na própria mata (12), em quintais abandonados, ou na combinação de todos esses locais. O baixo número de espécies nativas cultivadas se deve possivelmente à possibilidade de uma eventual retirada clandestina uma vez que as florestas que as abrigam se encontram nas proximidades. Por outro lado, existe a proibição de extração imposta pela presença do Parque Estadual da Pedra Branca. De fato, em várias entrevistas, houve referência à fiscalização

relacionada à proibição de coleta e abertura de novas áreas para cultivo. Em decorrência das questões expostas, a mata não foi privilegiada como local de estudo, dando-se ênfase aos quintais.

Com relação ao hábito, as plantas herbáceas e arbóreas predominam (35% cada), seguidas dos arbustos (18,9%), trepadeiras (9,18%), epífitas (1,08%) e parasitas (0,35%). Pinto *et al.* (2006) também encontraram plantas herbáceas e arbóreas como mais utilizadas assim como Pilla et al (2006).

Espécies indicadas como medicinais – Em relação às 122 espécies indicadas como medicinais, as folhas foram as partes mais citadas para a elaboração dos remédios (59,9%), seguidas da parte aérea (11,5%), frutos (8,9%), inflorescências, flores e brácteas (7,7%), cascas (5,1%), caules e raízes (2,5% cada) e ainda a planta toda e as sementes (1,2% cada). É natural que as folhas e partes aéreas sejam mais utilizadas, uma vez que as ervas são mais aproveitadas.

Para as formas de preparo, os chás (infusão ou decocto) sobressaíram com 59 % das indicações, seguidos de maceração (13,2%), xarope e uso in natura (8,4% cada), infusão em álcool (6%), e ainda o pó (4,8%). O uso de folhas e partes aéreas, geralmente de plantas herbáceas, consumidas em formas de chás, mostram-se extremamente comuns (Silva-Almeida & Amorozo, 1998; Pinto *et al.*, 2006; Santos *et al.*, 2008). As plantas herbáceas são geralmente associadas a uso medicinal para comunidades, como lembram Stepp & Moerman (2001). Esses autores afirmam que o papel das ervas invasoras nas farmacopéias tem sido subestimado, apesar das evidências de serem importante fonte de plantas medicinais para povos indígenas e terem representação significativamente maior nas farmacopéias em relação a outros tipos de plantas. Sugerem ainda que a acessibilidade e a abundância das herbáceas invasoras podem explicar esse fato. Harborne (1993) lembra ainda que os compostos secundários produzidos pelas ervas exercem funções ecológicas como a alelopatia, a atração de animais para a polinização e defesas contra a herbivoria sendo compostos altamente bioativos.

Como consequência da utilização dos chás, ao se verificar as formas de uso (ou de administração), a forma oral foi o de maior destaque com 66,6% das indicações, seguida de uso tópico (19%) e banho (9,5%). A fricção e a inalação vêm a seguir com 3,5% e 1,2% das indicações, respectivamente. O percentual elevado de uso oral encontrado aponta para o risco que a comunidade pode estar submetida à ingestão de plantas tóxicas ou incorretamente identificadas. Como o

uso de muitas espécies não é um fato culturalmente cristalizado, ocorrendo com frequência a experimentação e mudanças nos usos e nas propriedades atribuídas, este risco é potencializado. Por exemplo, algumas informantes citaram a mídia e a troca de receitas, entre vizinhos, como influenciando a medicina caseira.

A análise das espécies medicinais aponta um número elevado de táxons considerados, na literatura, como invasores de pastagens ou áreas perturbadas e poucos crescendo exclusivamente em ambientes florestais. Por isso, são plantas de ampla distribuição, cuja região de origem não é facilmente encontrada na literatura. As dificuldades relacionadas à detecção da origem das plantas vêm sendo parcialmente resolvidas através de pesquisas baseadas em biologia molecular, acrescidas de informações provenientes de morfologia, taxonomia, lingüística, antropologia e arqueologia (Doebley, 1990). Tais estudos ainda estão voltados para espécies cultivadas de maior importância comercial, principalmente as alimentares.

A importância relativa das espécies foi calculada levando-se em consideração o consenso dos informantes. Esses valores levaram em conta o número de informantes que as citaram e a concordância de usos citados. As 35 espécies que obtiveram os maior consenso de uso (CUPc), de acordo com as respostas dos informantes, estão listadas na Tabela 3.

Tabela 3 - Porcentagem de concordância quanto ao(s) uso(s) principal(ais). Espécies de uso medicinal citadas por três ou mais indicações. ICUP- nº. de informantes que citaram o uso principal da espécie; ICUE- número total de informantes citando usos para a espécie; CUP- Índice de concordância de uso; FC- fator de correção; CUPc- CUP corrigido.

Nome científico	uso principal	ICUP	ICUE	CUP	FC	CUPc
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	vermífuga	7	7	100,0	1,0	100,0
<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	cicatrizante	6	7	85,7	1,0	85,7
<i>Jacaranda</i> sp.	cicatrizante	6	7	85,7	1,0	85,7
<i>Lippia alba</i> N.E. Br.ex P. Wilson	calmante	5	7	71,4	1,0	71,4
<i>Sorocea</i> cf. <i>bonplandii</i> (Baillon) Burger, Lanjou & W. Boer	estômago	5	6	83,3	0,9	71,4
<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	pressão alta	5	5	100,0	0,7	71,4
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	febre	4	4	100,0	0,6	57,1

Nome científico	uso principal	ICUP	ICUE	CUP	FC	CUPc
<i>Eugenia uniflora</i> L.	febre	4	4	100,0	0,6	57,1
<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltld.) Micheli	rins	4	6	66,7	0,9	57,1
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	fígado	3	5	60,0	0,7	42,9
<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	gripe	3	7	42,9	1,0	42,9
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.	resfriado	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Citrus aurantium</i> L.	resfriado	3	4	75,0	0,6	42,9
<i>Plantago major</i> L.	inflamação	3	4	75,0	0,6	42,9
<i>Solidago chilensis</i> Meyen	dor muscular	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Symphytum officinale</i> L.	cicatrizante	3	4	75,0	0,6	42,9
<i>Mentha pulegium</i> L.	expectorante	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) Blume	expectorante	3	3	100,0	0,4	42,9
<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	colesterol	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Persea americana</i> Mill.	reumatismo	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Annona muricata</i> L.	diabetes	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	diarréia	2	4	50,0	0,6	28,6
<i>Piper mollicomum</i> Kunth	cicatrizante	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Solanum tuberosum</i> L.	dor de cabeça	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	gargante	2	2	100,0	0,3	28,6
<i>Laurus nobilis</i> L.	estômago	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Musa x paradisiaca</i> L.	expectorante	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Rosa</i> sp. 1	inflamação	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	resfriado	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Bixa orellana</i> L.	diabetes	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Momordica charantia</i> L.	resfriado	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	erisipela	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Vernonia</i> sp. 1	gripe	2	3	66,7	0,4	28,6
<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) Burt & Smith	sinusite	1	1	100,0	0,1	14,3
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Staff	calmante	1	3	33,3	0,4	14,3

A erva-de-santa-maria (*Chenopodium ambrosioides*) obteve 100% de consenso em relação ao uso como vermífuga. A aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e a carobinha (*Jacaranda* sp.) vêm a seguir como cicatrizantes. Em terceiro lugar seguem a erva-cidreira (*Lippia alba*); a espinheira-santa (*Sorocea* cf. *bonplandii*) e a sete-sangrias (*Cuphea carthagenensis*). Essa última, acompanhada de *Alternanthera brasiliana* (dipirona,) e *Eugenia uniflora* (pitanga) obtiveram o

CUP de 100%, o que representa forte consistência de uso mas, com o fator de correção (CUPc), os valores se reduzem, indicando que foram citadas por poucos informantes. Mesmo assim obtiveram valores acima de 50%. Da mesma forma merece destaque o chapéu-de-couro (*Echinodorus grandiflorus*), citada para males dos rins. Esses resultados podem significar que essas espécies têm determinados usos amplamente difundidos pelos entrevistados e que, aparentemente, respondem às suas necessidades.

No que diz respeito à segurança de uso de espécies medicinais, vale lembrar que a Resolução da Secretaria de Estado de Saúde/RJ N° 1757 de 18/02/2002, contra-indica durante a gestação e lactação, o uso na forma oral, de algumas espécies, entre elas, *Aloe vera*, *Leonurus sibiricus*, *Plantago major* e *Ruta graveolens*, por apresentarem potencial tóxico, teratogênico e abortivo. As três primeiras são consumidas, na forma de chás, pelos informantes.

Todas as plantas da Tabela 3 foram encontradas como cultivadas, com exceção da erva-de-passarinho (*Struthanthus marginatus*), planta hemiparasita muito comum e sete-sangrias (*Cuphea carthagenensis*), que é de beira de caminhos. Deve-se ressaltar que espécies típicas de ambientes florestais, tais como carobinha (*Jacaranda* sp.), quina-rosa (*Simira glaziovii*) e espinheira-santa (*Sorocea* cf. *bonplandii*) são também cultivadas, o que pode demonstrar o grau de importância dessas espécies para os informantes.

A carobinha, assim como a quina-rosa merecem atenção por serem nativas de Mata Atlântica e terem poucos estudos etnofarmacológicos. Silva (2008) encontrou essas plantas sendo comercializadas nos mercados da cidade do Rio de Janeiro. A primeira é usada pela população para machucados em geral e problemas de pele, o mesmo uso dado pelos informantes de Vargem Grande. Macedo & Ferreira (2004) citam *Jacaranda brasiliana* como uma das espécies mais usadas para problemas dermatológicos em comunidades da Bacia do Alto Paraguai, Mato Grosso. Gentry (1992) relata inúmeros usos atribuídos ao gênero *Jacaranda*, dentre esses, para curar problemas de pele e chama a atenção para a evidente importância da família Bignoniaceae para as pessoas que vivem em florestas tropicais no mundo. Da mesma forma, a quina-rosa tem sua casca vendida nos mercados e feiras livres da cidade e é muito relacionada à cura de problemas de anemia e de aparelho circulatório em geral (Silva, 2008). O mesmo uso foi verificado em Vargem Grande.

Em relação à espinheira santa consumida localmente (*Sorocea* cf. *bonplandi*), Coulaud-Cunha *et al.* (2004) chamam a atenção para o perigo do consumo dessa espécie, uma vez que é utilizada normalmente contra úlceras e gastrites e pelo fato de não existirem estudos conclusivos que assegurem a falta de toxicidade crônica, tornando seu uso um risco para a população.

Espécies de uso alimentar - Nesta categoria foram incluídas 71 espécies. Em termos de atividade agrícola, as culturas da banana (*Musa x paradisiaca*), da mandioca (*Manihot esculenta*) e do inhame (*Colocasia esculenta*) se sobrepõem às demais. Dentre as frutíferas (43 espécies), além da banana destacam-se principalmente as Rutaceas (*Citrus* spp.) e diversas espécies de Myrtaceas, dentre essas a jabuticaba (*Myrciaria cauliflora*), a grumixama (*Eugenia brasiliensis*), a cabeluda (*Myrciaria glazioviana*), o cambucá (*Plinia edulis*) e o araçá (*Psidium* cf. *cattleianum*) nativas provavelmente da Mata Atlântica mas muito cultivados em sítios e quintais. Trata-se de um dos poucos locais de produção e comercialização destas frutíferas pouco exploradas pelo mercado consumidor do Rio de Janeiro, o que vem a conferir um grande valor social e ecológico à atividade destes agricultores.

Cultivada em quintais foi encontrado o ora-pro-nobis (*Pereskia grandiflora*), uma cactaceae cujas folhas são utilizadas na alimentação. Merece destaque também a taioba (*Xanthosoma sagittifolium*) e as fornecedoras de grãos como o feijão (*Phaseolus vulgaris*) e milho (*Zea mays*).

Associadas às plantas alimentares estão as condimentares, especialmente as da família Lamiaceae (mentas, manjericão, alfavacas, alecrim etc..) bem como o louro, as pimentas, a aroeira, o urucum e o gengibre. A maioria destas espécies, além de utilizadas localmente são também vendidas. Destaque especial deve ser dado à grande variedade de pimentas, plantadas e comercializadas.

Em relação às outras categorias, as rituais apareceram com 15 espécies. Dentre essas, *Ruta graveolens* (arruda) e *Petiveria alliaceae* (guiné piu-piu) foram as mais citadas. *Annona acutiflora* (guiné-preto), arvoreta típica de sub-bosque, é cultivada em quintal (e foi vista em quintais abandonados). Caules dessa espécie foram encontrados por Silva (2008) sendo comercializados no Mercado de Madureira, para serem usados, como bengalas, por “preto-velhos”. Interessante também salientar o uso religioso das vassourinhas (*Sida* spp.) por

uma das informantes, que é rezadeira. Estas e outras plantas estavam cultivadas, em seu quintal, justamente para as suas práticas.

Dentre as espécies de uso animal destaca-se a pita (*Furcraea gigantea*.) muito citada para curar sarna (ou lepra) e dentre as mais indicadas para a construção a mais citada foi a castanheira (*Bombacopsis glabra*) usada para morão de cerca. Vale lembrar que o pau d'água (*Dracena fragans*) é plantada freqüentemente, como cerca viva para delimitar as propriedades.

Vale relembrar que das 221 espécies levantadas, a bananeira, a aroeira, a laranja-da-terra, a goiabeira, o limão-galego e o louro estão entre as dez mais citadas, indicando que essas espécies são importantes na vida dos informantes e de seus familiares.

O cultivo da banana é referência nesta região atualmente e em tempos pretéritos. “A bananeira é uma das plantas mais úteis ao habitante das zonas tropicais porque fornece alimento farto em retribuição a muito pouco trato” (Abreu, 1957). Em meados da década de 50, toda a produção era consumida no próprio mercado do Rio; a população de menores recursos encontrava na banana um alimento barato, sadio e saboroso. Essa referência é capaz de agregar dois fatores relevantes e determinantes para a expansão do cultivo de bananas nas encostas dos maciços cariocas: a pequena exigência de mão-de-obra para o manuseio do cultivo e o valor alimentício.

O “serviço do trato” ou a limpeza da cultura resume-se em duas roçadas por ano; a colheita faz-se dezesseis a vinte meses após a plantação (Corrêa, 1933). Este cultivo é adaptado a encostas com alta declividade e nesta região específica, apresenta-se disposto em encostas preferencialmente úmidas, alcançando terrenos com mais de 60% de declive.



Figura 11: Disposição dos bananais nas encostas dos maciços da Pedra Branca e Gericinó, com ênfase na área de Vargem Grande. (Fonte: Abreu, 1957).

A bananeira produz rapidamente grande massa de matéria vegetal que permanece no local após a colheita do fruto e pelo processo de decomposição devolve ao solo, em matéria orgânica, parte dos nutrientes dele retirados. A matéria orgânica formada à custa dos elementos da água e do ar, além de enriquecer o solo, aumenta sua capacidade de retenção de água, mantendo o local sempre em condições favoráveis à cultura (Abreu, 1957). Apesar da alta capacidade de interceptação das águas de chuva favorece grandemente a infiltração da água no solo (Freitas, 2003).

Após a colheita dos cachos nos pés, eles eram (e ainda são, ao menos nesta região) amarrados ao longo dos caminhos para serem transportados por burros aos depósitos ou beira das estradas de onde são então conduzidos por caminhões aos mercados ou por tropas, nos jacás das cangalhas dos burros (figura 12 e 13). Este último procedimento Magalhães Corrêa nos relata com riqueza de detalhes:

É verdadeiramente interessante verem-se os cargueiros ou tropeiros que saem de todas as tocas da zona rural, alta noite, para chegarem, ao alvorecer, ao mercado, mas atualmente as autoridades não os deixam passar de um certo ponto, por acharem vergonhosa a tropa (...) Saindo como de costume, os nossos tropeiros, à noite de seus ranchos, com sua tropa ora a cavalo ora a pé, vão como formigas em correição, pelas estradas do Pica-Pão, das Furnas, dos Três Rios, do Rio Grande, de Guaratiba, até a Tijuca, Andaraí, boca do Mato, Méier, Engenho de Dentro, Inhaúma, como verdadeiros abnegados, lutando com todos os elementos e, finalmente, abandonados por nossos dirigentes; quando, por ventura, cometem qualquer delito, aplica-se logo a lei, mas lei feita para “almofadinha da cidade”; não há compreensão do seu meio, de sua mentalidade e de sua vida rural...”



Figura 12: Sitiantes acondicionando bananas em Jacás.(Corrêa, 1933).



Figura 13: O tradicional transporte das bananas persiste na região de Vargem Grande. (Arquivo pessoal, 2009).